

PROGRAMA LUGARES DA MEMÓRIA

Navio Raul Soares

Endereço: Ilha de Barnabé, Santos, SP.

Classificação: Presídio Político.

Identificação numérica: 018-01.020

No ano de 1964, quando ocorreu o golpe civil-militar que destituiu o presidente da República João Goulart e teve início o período ditatorial que vigorou por 21 anos, a cidade de Santos, situada no litoral paulista, já tinha se consolidado como um polo de movimentação política e social fomentada pelos diversos sindicatos trabalhistas existentes e pela atuação ativa do operariado local, cujo trabalho estava diretamente relacionado ao funcionamento do Porto de Santos.

Ainda durante a construção do porto, no final do século XIX, a convivência entre trabalhadores imigrantes, migrantes e ex-escravos transformou a região em um espaço de circulação de ideias vinculadas ao comunismo e ao anarquismo. Posteriormente, já no século XX, em função da proximidade com o principal porto do continente, a atuação dos movimentos sociais cresceu e aumentou o interesse do Partido Comunista do Brasil (PCB) pela região. Essa característica colocou o município na lista de “cidades vermelhas”¹ da ditadura militar.

Com o golpe de Estado, em 1964, vieram à perseguição às lideranças sindicais, as intervenções tanto nos sindicatos quanto na prefeitura e, ainda, o expurgo de militares identificados com o governo de João Goulart. Dentre as diversas ações

¹ O pesquisador Sergio de Oliveira entende que termo “cidade vermelha” é de origem militar. Foi utilizado ao longo do tempo, para identificar municípios que apresentavam altos índices de contestação popular. Esta contestação pode ser verificada através de greves, distúrbios sociais, atividades comunistas, ou “subversivas”; ação do clero católico progressista, voto de protesto, popularidade de políticos de esquerda ou não alinhados aos blocos de poder conservadores. Em depoimento a Percival de Souza, o coronel Erasmo Dias afirma que no período anterior ao golpe, Santos foi considerada como “cidade vermelha”, com todos os sindicatos controlados pelo Partido Comunista do Brasil. OLIVEIRA, Sergio Luiz Santos de. **O grupo (de esquerda) de Osasco. Movimento estudantil, sindicato e guerrilha (1966-1971)**. Dissertação (Mestrado em História Social). FFLCH. USP: São Paulo, 2011, p.45-47.

repressivas que o regime empreendeu na região da baixada santista, uma ficou especialmente marcada na memória de muitos habitantes, principalmente na dos trabalhadores do porto e na de suas famílias: a utilização do Navio Raul Soares como prisão.

O NAVIO RAUL SOARES

Essa embarcação já possuía uma longa história antes de ancorar no Porto de Santos, em 1964. Construída em 1900 e batizada de *Cap Verde*, ela pertenceu inicialmente à empresa de navegação alemã Hamburg Sudamerikanischen D.G. “O navio media 125,1 metros de comprimento, 14,7 metros de boca, velocidade média de 12 nós e capacidade para 580 passageiros, sendo 80 na primeira classe e 500 imigrantes”². Com o fim da Primeira Guerra Mundial, foi repassado aos aliados como compensação de guerra para os britânicos, até que em 1922 é recomprado pela Hamburg e rebatizado de Madeira. O navio então passa a viajar entre Europa e América do Sul.

A primeira passagem do Madeira na Rota de Ouro e Prata, após a Primeira Guerra Mundial, foi realizada entre agosto e outubro de 1922. Esta viagem reinaugurava o serviço da HSDG para o Brasil. O Madeira escalou em Rotterdam, Leixões, Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro e Santos. Na viagem de retorno à Europa, zarpu de Santos em 22 de setembro de 1922³.

O militar Darcy Rodrigues, que em abril de 1964 ficou preso com outros sargentos no Raul Soares por participar de uma manifestação da categoria, em entrevista ao programa Coleta Regular de Testemunhos do Memorial da Resistência, afirmou crer, que já em 1922, o navio foi usado como prisão.

Esse navio foi prisão dos tenentes de 22, eles fizeram questão de pegar, aquela porcaria enferrujada que tava lá pra ser transformada em ferro velho, puseram e jogaram a gente lá dentro. Eu entendo, que foi uma revanche por causa da derrota deles em 22. Então foi o Imperatriz Leopoldina, no Rio e o Raul Soares, em São Paulo⁴.

² SOUZA, Manoel Fernando F. de. **Raul Soares: 40 anos de uma amarga lembrança**. Revista Santos Modal: Santos, junho de 2004, p.24.

³ NÁUTICA TOTAL. **Há 50 anos, navio-prisão Raul Soares era desativado**. Portal Náutica Total. 27 de outubro de 2014. Disponível em: < <http://nauticatotal.com.br/noticias-cotidiano/4170-4170>>. Acesso em 29/10/2014.

⁴ RODRIGUES, Darcy. **Entrevista sobre militância, resistência e repressão durante a ditadura civil-militar**. Memorial da Resistência de São Paulo, entrevista concedida a Ana Paula Brito e Paula Salles em 11/03/2014.

Com os avanços da construção naval, o Madeira ficou aquém das exigências, e em 1925 foi adquirido pela empresa estatal brasileira de navegação, Lloyd Brasileiro. O navio foi então rebatizado “Raul Soares”, e passou a fazer o trajeto entre as regiões norte, nordeste e sudeste do país, realizando o transporte de passageiros e cargas.



Imagem 01: Raul Soares, do Lloyd Brasileiro, atracado no Porto de Angra dos Reis (RJ), na década de 1930. **Foto:** Autor desconhecido. **Fonte:** Solaris Editora.

Com o passar dos anos, o navio ficou inativo, aportado em um cais do Rio de Janeiro. Poucos dias após a tomada do poder na capital federal, o navio foi requisitado pelos militares, sendo então pintado de preto, e mesmo em condições precárias, foi rebocado até o estuário de Santos no dia 24 de abril de 1964. De acordo com Victor Martins⁵ quem ordenou a vinda do Raul Soares foi o capitão dos portos de São Paulo, à época, o capitão de mar-e-guerra Júlio de Sá Bierrenbach⁶. Atracado em um banco de areia próximo à Ilha de Barnabé, o navio foi utilizado para receber presos políticos do novo regime.

Os primeiros presos políticos detidos no Raul Soares eram, em sua maioria, sindicalistas e operários que haviam se envolvido nas inúmeras greves que atravessaram as décadas de 1950 e 1960 no litoral paulista, e militares que não apoiaram o golpe. Paulatinamente, outras pessoas cuja atuação não estava ligada ao

⁵ OLIVEIRA, Sergio Luiz Santos de. **O grupo (de esquerda) de Osasco. Movimento estudantil, sindicato e guerrilha (1966-1971)**. Dissertação (Mestrado em História Social). FFLCH. USP: São Paulo, 2011, p. 46.

⁶ Atualmente, Júlio de Sé é almirante da reserva e foi ouvido pela Comissão Nacional da Verdade numa audiência não pública.

movimento operário, como alguns professores da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), foram aprisionadas no navio.

REPRESSÃO A BORDO DO RAUL SOARES

Os presos que passaram pelas celas improvisadas do Raul Soares sofreram torturas físicas e psicológicas, além de conviverem em condições inóspitas de encarceramento em um navio que estava em condições precárias.

Na cabine ao lado da caldeira teria sido torturado o líder portuário Waldemar Guerra. O estudante Tomochi Sumida, diretor da UNE, foi trancado numa espécie de frigorífico. “Tortura fizeram com a mãe dele”, revela Ademazinho. “Ela dormiu quatro ou cinco noites no flutuante, pedindo para ver o filho, crueldade⁷.”

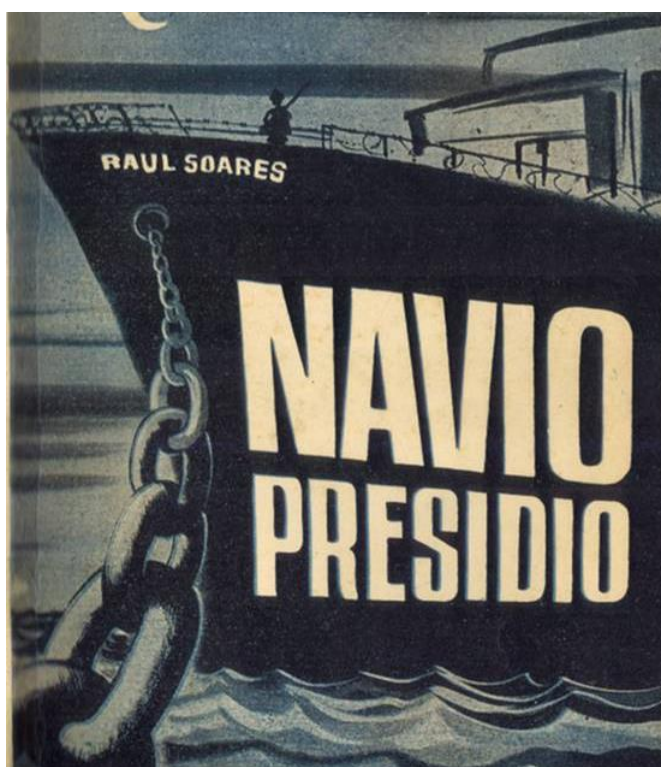


Imagem 02: Capa do livro “Navio Presídio – A outra face da revolução”, de Nelson Gatto. Capa: Wilson Cocchi. Fonte: Paulistana Edimax.

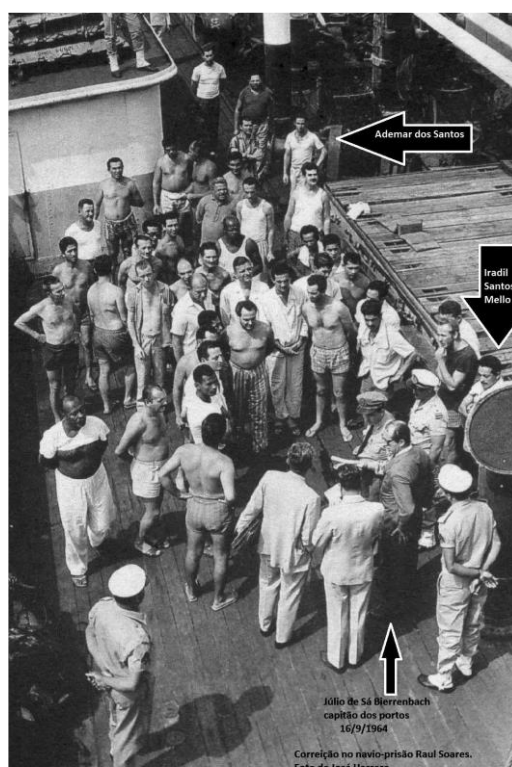


Imagem 03: Prisioneiros no Navio Raul Soares. **Foto:** José Herrera. **Fonte:** Arquivo pessoal de Lúcia Maria de Melo.

Uma das práticas de tortura era a transferência contínua dos presos entre as celas “quentes” e “frias”, ou seja, as que ficavam ao lado da caldeira e as que ficavam próximas ao frigorífico do navio.

⁷ OLIVEIRA, Sergio Luiz Santos de. op. cit. p.50.

O tenente-coronel Sebastião Alvim, da artilharia, deslocava-se a Santos especialmente para submetê-los a longos interrogatórios. Nestas sessões semanais, Sumida era trancafiado em uma câmara escura e apertada, possivelmente um frigorífico. De tempos em tempos era permitida a entrada de ar. Em seguida era levado para a cabine ao lado da caldeira. Franzino, Sumida parecia ficar a cada dia mais debilitado em razão dessas bruscas mudanças de temperatura⁸.

Essas condições, aliadas às constantes ameaças, como a de que “o navio seria rebocado e afundado em alto mar” como relatado pelo ex-presos Vitorino Nogueira, transformaram o Raul Soares em uma prisão flutuante temida entre os perseguidos políticos da Baixada Santista.

No livro, “Crônicas subversivas de um cientista”, o médico e ex-presos político Luiz Hildebrando Pereira da Silva relata que as privadas eram buracos abertos nas pranchas do tombadilho, “com canalizações improvisadas que despejavam os excrementos no mar”. E que bem em frente a elas, haviam colocado o sargento Xavier em uma cela num ambiente inóspito e mal cheiroso, para humilhá-lo. Sua cela era sempre iluminada, e uma tábua, presa às grades, servia de leito, apesar de estreita e curta, impossibilitando que o sargento estendesse o corpo para dormir.

A LUTA DOS FAMILIARES

O cais do Porto de Santos foi cenário para intensas vigílias de familiares de vítimas, que encontravam naquele lugar certo alento ao saber da localização de seus parentes, mas ao mesmo tempo uma angústia, de não saber a que situações os mesmos estavam sendo submetidos pelos militares.

Não são muitos os relatos sobre visitas de familiares aos presos políticos no Raul Soares. Uma das poucas permitidas pelos militares foi à visita ao sindicalista Iradil Santos Melo, preso no navio em 18 de agosto de 1964. Sua filha, Lídia Maria de Melo, em seu livro “Raul Soares: um navio tatuado em nós” compartilha suas memórias da única visita ao pai no presídio flutuante.

Uma lancha apanhou-nos no porto, em frente à alfândega. Havia muitas mulheres, além de minha mãe e tia Neuza. E ainda outras crianças, além de mim, minhas irmãs, Laura e Lúcia, e nossa prima Sônia, de 3 anos. Desembarcamos, perto da Ilha Barnabé, em um flutuante que balançava muito, amarrado no navio preto, adernado, o

⁸ OLIVEIRA, Maurici de. Comissão da Verdade investiga navio-prisão “Raul Soares”. **Revista Adusp**. n.54, São Paulo, maio de 2013, p.50. Disponível em: < <http://www.adusp.org.br/files/revistas/54/mat05.pdf>>. Acesso em 29/10/2014.

Raul Soares. Eu que sempre morri de medo do balanço de barca. Os policiais marítimos, com uniformes de mescla azul, estendiam as mãos para nos ajudar. Minha mãe com Lúcia, bebê, no colo, e aquela escada estreita, mole, tão insegura! Que medo de cair! Do flutuante, os policiais observavam nossa subida. E todas as mulheres e meninas de saia ou vestido. Naquele tempo, não era permitida a entrada de mulheres de calça comprida nos estabelecimentos públicos. E eles lá embaixo olhando... Ódio era o que eu sentia! Por dentro, o navio parecia maior. Ficamos num salão repleto de mesas longas e policiais marítimos. Não sei da sensação de rever meu pai, mas não me esqueço de que reclamei de dor de cabeça. Um policial trouxe um comprimido cor-de-rosa. Acho que Melhoral infantil. Recusei. Meu pai insistiu. Tomei, revoltada por ele ainda agradecer e sorrir para o "polícia", como eu dizia. Pouco depois, pedi para ir ao banheiro. Tia Neuza me acompanhou. O polícia correu na frente. A privada estava suja e sem descarga. Ele forrou o fundo com papel higiênico. Ela não me deixou sentar. Desde então, fiquei com ódio de todo e qualquer policial marítimo. Não podia ver farda de mescla azul. Ofegava emburrada. Não houve outras visitas, porque eram proibidas. A Capitania dos Portos só permitiu aquela em uma tarde de sábado. Na volta, conforme a lancha foi se afastando em direção ao cais, as mãos que acenavam nas vigias foram ficando menores, menores... até que sumiram. Só restou a imagem incômoda daquele navio negro, que permaneceu tatuado em nós, como os números nos braços dos sobreviventes dos campos nazistas de concentração⁹

A partir do relato de Lídia Maria, é possível conhecer um pouco mais as condições da prisão flutuante, e de como essas memórias são dolorosas, não apenas para os prisioneiros, mas também para seus familiares. Em 02 de novembro de 1964, sete meses após a chegada ao Porto de Santos, o Navio Raul Soares foi levado ao cais de Mocanguê no Rio de Janeiro, desmontado e vendido como sucata. No mapeamento realizado pela Comissão Nacional da Verdade sobre os centros de tortura existentes entre 1964 e 1965, o Navio-Prisão Raul Soares é destacado na cidade de Santos.

UM LUGAR DE MEMÓRIA

A sociedade brasileira tem promovido esforços para conhecer os fatos do período ditatorial no país. De norte a sul do Brasil, fatos ainda precisam ser esclarecidos e histórias reveladas. Nesse contexto de busca pela memória e verdade, os lugares que sediaram violações aos direitos humanos, como cárceres e centros

⁹ MELO, Lídia Maria de. **Raul Soares, um navio tatuado em nós**. São Paulo e Santos: Pioneira e Universidade Santa Cecília dos Bandeirantes, 1995, p.11.

clandestinos de tortura têm sido identificados e preservados. Esses lugares guardam histórias e memórias de dor que precisam ser conhecidas, para a efetivação do direito à memória.

O terror vivido no Navio Raul Soares marcou a vida dos que ali passaram, e de seus familiares. E mesmo o navio não estando mais aportado no cais do Porto de Santos, o médico Thomas Maak, ex-preso, olha do Porto para o mar e afirma rememorar memórias dolorosas vividas: “Quem passou pelo navio não precisa ter uma imagem física, de onde o navio estava, ou o que o navio... Aquilo lá fica gravado pra sempre na nossa cabeça. E eu garanto que isso é verdade para todos os prisioneiros”¹⁰. As histórias das violências ocorridas no Raul Soares não foram embora com o navio, ficaram no cais, na memória dos presos, de seus familiares, e na história da cidade. A importância de preservar essas memórias é fundamental para que as novas gerações possam conhecer a história e saber das lutas sociais em defesa da democracia.

ATUALMENTE E/OU ACONTECIMENTOS RECENTES

A Comissão da Verdade “Prefeito Esmeraldo Tarquinio” do Município de Santos, têm realizado pesquisas e audiências públicas para tratar das violações aos direitos humanos realizadas durante a ditadura civil-militar em Santos, como as prisões no Navio Raul Soares. A organização solicitou em setembro de 2014, à Câmara Municipal de Santos, a criação do Memorial dos Perseguidos Políticos e do Centro de Cultura Política. O monumento a ser criado, em memória às vítimas que ficaram presas na Base Aérea do Guarujá e do Navio Raul Soares, ficará no Aeroporto do Guarujá. O Navio Raul Soares é tema do documentário dirigido por Cristiano Paixão, intitulado “Nau Insensata”. Produzido pela Querô Filmes e financiado pela Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, o documentário será lançado em janeiro de 2015.

ENTREVISTAS RELACIONADAS AO TEMA

O Memorial da Resistência possui um programa especialmente dedicado a registrar, por meio de entrevistas, os testemunhos de expostos e perseguidos políticos,

¹⁰ Depoimento de Thomas Maack na reportagem da TV Globo Santos e Região. **Moradores da região contam histórias do navio Raul Soares na época da ditadura**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/santos-regiao/jornal-tribuna-1-edicao/videos/t/edicoes/v/moradores-da-regiao-contam-historias-do-navio-raul-soares-na-epoca-da-ditadura/2235415/>>. Acesso em 28/10/2014.

familiares de mortos e desaparecidos e de outros cidadãos que trabalharam/frequentaram o antigo Deops/SP. O Programa Coleta Regular de Testemunhos tem a finalidade de formar um acervo cujo objetivo principal é ampliar o conhecimento sobre o Deops/SP e outros lugares de memória do estado de São Paulo, divulgando desta forma o tema da resistência e repressão política no período da ditadura civil-militar.

- Produzidas pelo Programa Coleta Regular de Testemunhos do Memorial da Resistência

RODRIGUES, Darcy. **Entrevista sobre militância, resistência e repressão durante a ditadura civil-militar**. Memorial da Resistência de São Paulo, entrevista concedida a Ana Paula Brito e Paula Salles em 11/03/2014.

- Outras entrevistas

TV GLOBO SANTOS E REGIÃO. **Moradores da região contam histórias do navio Raul Soares na época da ditadura**. Disponível em: < <http://g1.globo.com/sp/santos-regiao/jornal-tribuna-1edicao/videos/t/edicoes/v/moradores-da-regiao-contam-historias-do-navio-raul-soares-na-epoca-da-ditadura/2235415/>>. Acesso em 28/10/2014.

REMISSIVAS: Palácio da Polícia; Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP).

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Depoimentos em Santos revelam faces pouco conhecidas da ditadura**. Comissão Nacional da Verdade. Brasília, 28 de novembro de 2013. Disponível em: < <http://www.cnv.gov.br/index.php/outros-destaques/395-depoimentos-em-santos-revelam-faces-pouco-conhecidas-da-ditadura>>. Acesso em 28/10/2014.

DA SILVA, Ricardo Marques e ALEXANDRINO, Carlos Mauri. **Sombras sobre Santos: o longo caminho de volta**. Santos: Secretaria de Cultura, 1988.

GATTO, Nelson. **Navio-presídio - A outra face da Revolução**. Paulistana Edimax, 1965.

MELO, Lídia Maria de. **Raul Soares, um navio tatuado em nós**. São Paulo e Santos: Pioneira e Universidade Santa Cecília dos Bandeirantes, 1995.

NÁUTICA TOTAL. **Há 50 anos, navio-prisão Raul Soares era desativado.** Portal Náutica Total. 27 de outubro de 2014. Disponível em: <<http://nauticatotal.com.br/noticias-cotidiano/4170-4170>>. Acesso em 29/10/2014.

OLIVEIRA, Maurici de. Comissão da Verdade investiga navio-prisão “Raul Soares”. **Revista Adusp.** n.54, São Paulo, maio de 2013. Disponível em: <<http://www.adusp.org.br/files/revistas/54/mat05.pdf>>. Acesso em 29/10/2014.

OLIVEIRA, Sergio Luiz Santos de. **O grupo (de esquerda) de Osasco. Movimento estudantil, sindicato e guerrilha (1966-1971).** Dissertação (Mestrado em História Social). FFLCH. USP: São Paulo, 2011.

SILVA. Fernando Teixeira da. **A Carga e a Culpa.** Santos: Prefeitura Municipal de Santos; Hucitec, 1995.

SOUZA, Manoel Fernando F. de. **Raul Soares: 40 anos de uma amarga lembrança.** Revista Santos Modal: Santos, junho de 2004.

COMO CITAR ESTE DOCUMENTO: Programa Lugares da Memória. **Navio Raul Soares.** Memorial da Resistência de São Paulo, São Paulo, 2014.